

Uma questão de modelos

Em casa de meu primo David Flusser, historiador do paleo-cristianismo na Universidade Hebraica de Jerusalém, a festa de Shavuot foi seguida de discussão sobre a dinâmica do judaísmo. O peso do **chamsim** tinha cedido àquela clareza pálida que banha Jerusalém em luminosidade transparente captada pelo termo grego “hierofania” (transparência do sacro), e estávamos reunidos no jardim para aproveitar os últimos raios. Estavam reunidos acadêmicos, teólogos e homens políticos. Os únicos representantes da Diáspora eram minha senhora e eu. Foi em tal circunstância que David Flusser evocou, quase ritualmente, os ensinamentos de Ioshua ben Iossef Rabenu (Jesus filho de José, nosso Mestre).

O clima existencial de Jerusalém (e de todo Israel) é dramaticamente religioso. Mas é religioso em sentido muito específico: no sentido de “ato”. Muito esquematicamente pode ser sustentada a tese segundo a qual haveria três atitudes religiosas no judeo-cristianismo: a do ato, da “obra” (judaísmo), a do ato e da fé, “opera et fides” (catolicismo), e a da fé, “sola fide” (protestantismo). Sob tal tese, o clima de Jerusalém e de Israel é o da religiosidade judia. É sociedade dedicada ao ato “sacrificial”, e até os que

perderam a fé religiosa (seja judia seja marxista), agem no sentido de “sacrifício”: estão prontos a sacrificarem tudo, inclusive a própria vida e a vida dos seus filhos, em prol de Israel, que é, em última análise, afirmação de Deus. Há os que têm fé na tarefa, há os que duvidam dela, e há os que perderam a esperança, mas praticamente todos estão decididos ao sacrifício: vivem religiosamente. O clima é dramático, se traduzirmos “drama” por “ato”. Os israelenses são “atores” no sentido de “dramatis personae”. E é em tal clima que a discussão que quero relatar deve ser captada.

A discussão era **agonia**, luta aberta para a morte. Havia **protagonistas**, os que lutavam em prol de um judaísmo auto-afirmativo. E havia **antagonistas**, os que lutavam em prol de um judaísmo aberto rumo ao mundo. Assumi posição antagonista, nas linhas do meu artigo “**Aspectos da existência judia**” (Shalom nº 173). Propus um judaísmo pulsante, para o qual o coração humano poderia servir de modelo: fases sistólicas, nas quais o judaísmo se concentra sobre si próprio, e fases diastólicas, nas quais se derrama sobre a humanidade. Dei como exemplos de sistoles a saída do Egito, os macabeus e o sionismo. Confeitei que as diástoles são possíveis

apenas graças a sistoles precedentes, mas afirmei que o propósito das sistoles são as diástoles subsequentes. Insisti, no entanto, na célebre afirmativa hegeliana quanto à consciência infeliz: “Se encontramos o mundo, perderemo-nos a nós próprios, e se nos encontramos a nós próprios, perderemos o mundo”. Os protagonistas presentes combatiam com violência a posição por mim assumida, a qual efetivamente tem sabor de traição em contexto israeli. Foi quando David Flusser evocou a figura do Cristo à sua maneira.

O relato perdido

Quem leu a biografia de Jesus, escrita por David Flusser, intuirá o significado da evocação: Jesus enquanto figura central na história do judaísmo. E, **ipso facto**, na história da humanidade toda, já que foi a tradição judaica que elaborou a consciência histórica para a humanidade toda. Jesus é, depois de Moisés, a segunda revolução na consciência histórica, porque formula o significado da existência humana em termos universalmente judeus. Por certo: Jesus pode ser compreendido, e seguido, apenas por quem tiver captado a sua situação historicamente concreta: por exemplo o contexto talmúdico no qual age, e o

çam sua parcela de culpa pelo Holocausto e retornem aos antigos preconceitos.

É muito fácil para os estadistas prometerem que defenderão a segurança de Israel se este ceder à exigência de um novo estado da OLP. Mas é absurdo imaginar que o mundo vá protestar, e muito menos enviar soldados ou mesmo vender armas a Israel, se este se defrontar com uma ameaça de destruição caso não retorne às fronteiras de 1948. Duvido que o mundo derrame uma lágrima sequer!

Não há nada de tão sagrado na ideologia de qualquer partido político israelense que deva silenciar toda crítica sincera, mas vamos primeiro ouvir o grito de protesto da comunidade judaica mundial contra uma sociedade que esqueceu a lição dos tempos de Hitler, e está pronta a repetir os erros do passado.

O Holocausto caiu no esquecimento, o anti-semitismo ousou ressurgir, e uma Europa que se salvou duas vezes de ser conquistada, está se atirando impetuosamente numa terceira armadilha de inescrupulosidade.

Esteja Begin ou Pères ou Rabin chefiando o governo de Israel, não se pode permitir que o mundo pós-Holocausto coloque a sobrevivência de Israel no mesmo plano que o petróleo, o comércio, ou as amabilidades políticas nas Nações Unidas.

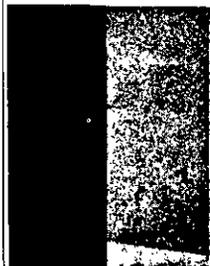
O que é preciso não é um mero "abafamento" do debate em torno da

s.a. **beltec**
malhas e confecções



S.A. Beltec — Malhas e Confecções
Fábrica: Rua Maria Marcolina, 563 — Tel.: 291-3044

GRISSETTE



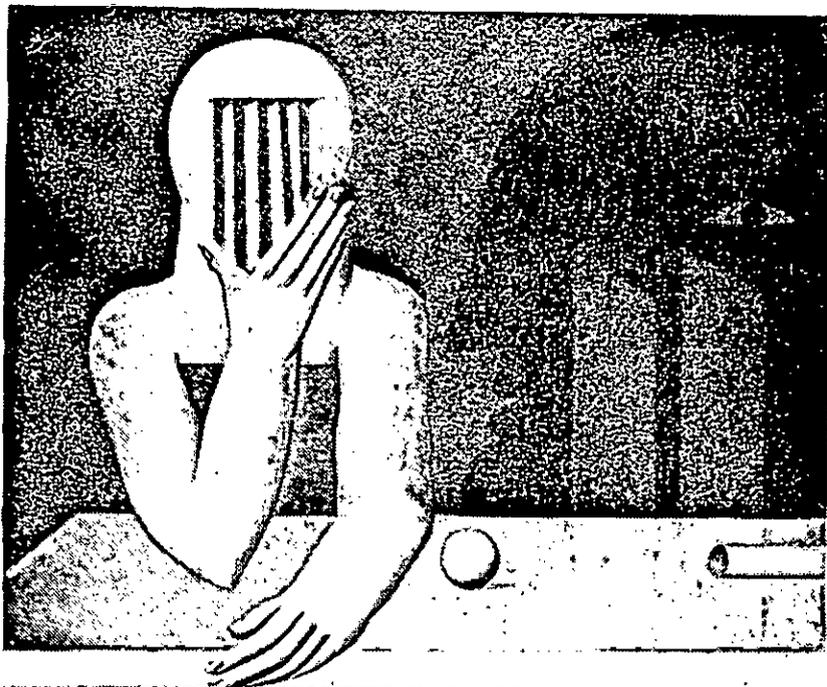
Alameda Glette, 490/494

TELEFONES:
221-7633 — 220-7248

São Paulo

**Na Comstar,
quem tem Honda tem paz!**





contexto da preparação da guerra judaica contra os romanos no qual se move. Mas a sua mensagem é não obstante trans-histórica: aponta significado existencial que transcende contingências históricas determinadas.

Dá ser necessário, mas não suficiente, procurar penetrar pela tradição cristã até a figura histórica de Jesus, se quisermos segui-lo e imitá-lo. A tradição cristã encobre a figura de Jesus mais que a revela. São véus sobrepostos um sobre o outro: a filo-

sofia medieval encobre os pais da Igreja, estes encobrem São Paulo, este encobre os vários evangelhos, estes a um evangelho "original", e este a figura do Mestre. Tais encoberturas sucessivas são devidas, em parte, ao esquecimento próprio de um passado longínquo, e, em parte, à supressão deliberada da dimensão judaica de Jesus pelos autores cristãos, interessados em distanciar-se do judaísmo negador da Igreja romanizada. Tal tendência anti-semita, e portanto suicidária, do pensamento cristão pode ser constatada inclusive nos próprios

evangelhos, os quais visam mais os gregos e os romanos que os judeus. Daí ser o protestantismo, essa volta "às fontes", pouco satisfatório enquanto busca da figura de Jesus: não procura ir além dos evangelhos. E daí as pesquisas atuais de David Flusser que visam ler criticamente o Evangelho de São Marcos, e restituir um relato original perdido.

E claro que quem quiser seguir Jesus ("imitatio Christi"), precisa saber de quem se trata. O centurião romano que exclamou "este homem é um Deus" ao ver Jesus, sem nada conhecer a respeito do seu ensinamento, não pode ser considerado seguidor de Cristo. Mas tal conhecimento histórico, na medida na qual é alcançável, não basta. É preciso que se capte toda a carga do judaísmo que Jesus carrega e formula sob forma nova: para poder-se seguir Jesus é preciso que se seja judeu. Este é o paradoxo e o escândalo do cristianismo para os não-judeus: quem quiser ser cristão, deve, primeiro, tornar-se judeu. Embora este fato esteja obscurecido pela tradição cristã, transparece por ela.

Pois Jesus é judeu sistólico e diastólico simultaneamente (para usar os termos por mim propostos). É sistólico, porque recolhe, sobre si, toda a mensagem judaica, e porque "veio apenas para os judeus". E é diastólico porque a sua mensagem se dirige para a humanidade toda, e porque efetiva- ▽

perspectivas



Junta-se à comunidade israelita no Brasil nas comemorações do Rosh Hashaná que marca a passagem dos 5741 anos de história do povo judeu.

móveis e decorações

ALAMEDA LORENA, 1.488 — FONE: 853-4363
SÃO PAULO

Classe
Requinte
Bom Gosto

**TECIDOS
EXCLUSIVOS
PARA CORTINAS
EM GERAL**

CI

DONATELLI
PÇA.MAL.DEODORO,176/178
RUA AUGUSTA, 1637
RUA PAMPLONA, 1018
Estacionamento próprio

**L'OFFICIEL
CABELEIREIROS**



RUA OSCAR FREIRE, 691
FONE: 881-4000 — SP

mente influenciou poderosamente sobre a humanidade toda. Com efeito: Jesus é o modelo integral do judaísmo, tanto nas suas palavras como nos seus atos, e o é tanto para os judeus quanto para o resto da humanidade. Quem procura imitá-lo em sua vida, procura viver judaicamente no sentido radical e integral de tal termo. E pode ser sustentado que modelos pertencem a um nível ontológico que não é o da realidade concreta humana. Enquanto modelo a ser seguido Jesus transcende o nível do concretamente humano.

Os modelos insuportáveis

Embora tal interpretação da figura de Jesus seja minha, e não a de David Flusser, creio que se segue organicamente da evocação por ele sugerida durante a discussão relatada. Mas a noção de modelo, tão difícil, tão rica, e tão importante nas cogitações epistemológicas e políticas atuais, não podia deixar de marcar a discussão subsequente à evocação de Ioshua ben Iossef Rabenu. Foi sugerido que "ser judeu" é, no fundo, propor modelos. A família judia como modelo de família, o Estado judeu como modelo de estado, o kibbutz como modelo de comunidade, para dar exemplos "sistólicos" da tese. O marxismo como modelo de revolução, o sistema de Schoenberg como modelo de composição musical, a fenomenologia husserliana como modelo de pesquisa científica, para dar modelos "diastólicos" da tese. E fui eu quem propus que isto explicaria o anti-semitismo: modelos, sejam bons, sejam maus, sejam restritos ou sejam amplos, sejam consistentes ou inconsistentes, são visceralmente intoleráveis, porque se impõem imperativamente sobre a realidade concreta. Os judeus enquanto gente que vive no terreno dos modelos (das *mitzvot*), seriam, segundo tal tese, visceralmente insuportáveis para quem está com os pés firmemente plantados no chão da realidade.

E isto levou à consideração do sionismo e do Estado judeu. O sionismo é ambíguo sob tal prisma: de um lado procura liberar os judeus da sua "missão modelar", ao tentar transformá-los em mais um povo; do outro lado sonha com Estado modelar que permita levar vida modelamente judaica. Sob pressão do argumento até os protagonistas mais ferventes da so-

breviência do Estado de Israel "a qualquer preço" admitiram que um estado qualquer levantino, do tipo Síria ou Jordânia, não seria meta digna a ser perseguida. E nisto reside, a meu ver, a explicação do fato de ser o drama israelense **tragédia** no significado exato do termo. É um ato condenado à derrota, mesmo, e sobretudo, se tiver sucesso. É ato heróico contra o "destino", porque qualquer Estado judeu integrado no seu contexto geográfico e histórico será, necessariamente, um entre os estados, e **ipso facto** deixará de ser modelar, "Estado judeu".

Os presentes não concordaram com minha análise da situação, embora as razões do seu desacordo não me terem parecido pertinentes. Não as relatarei por receio de falsificá-las. Mas a posição do meu primo David Flusser era muito mais **nuancée** que a minha e a dos meus contestadores. Para ele o que importa é procurar seguir Jesus, tentar viver vida plenamente judaica **hic et nunc**, isto é vida simultaneamente integrada no judaísmo com seus ritos e seu clima dramático, e integrada na grande correnteza da filosofia, da ciência e da arte da atualidade. Se a sociedade israelense conseguir o feito quase impossível de levar tal vida, o problema do futuro do Estado será resolvido na praxis. Porque é a praxis ("os frutos" de Jesus), a praxis modelar, que prevalece sobre todas as teorias, essa nossa herança grega. O futuro do Estado judeu, inclusive os seus aspectos aparentemente insolúveis como o problema da convivência com os árabes, o problema de uma economia de guerra constante, ou o problema de estar-se na encruzilhada entre as super-potências, será resolvido na medida em que os judeus em Israel e alhures conseguirem viver judaicamente na praxis.

Tal posição de David Flusser (se é que a consegui relatar com fidelidade), é estritamente religiosa. É a posição do judeo-cristianismo. Ele próprio a define como "sionismo pré-emancipatório", mas tal definição deve ser tomada com a ironia que o caracteriza. Seja como for: ter visitado Israel no presente contexto, e ter tido David Flusser como guia e interlocutor em tal aventura, é espécie de graça. Convida a repensar e re-avaliar sua vida: buscar o judaísmo sob coordenadas novas. □